

NOTA INFORMATIVA

Nº 06.2021 | 16 Jul 2021

Economia volta a cair, mas dá mostras de recuperação

Actividade não-petrolífera aumentou pela primeira vez desde 2019

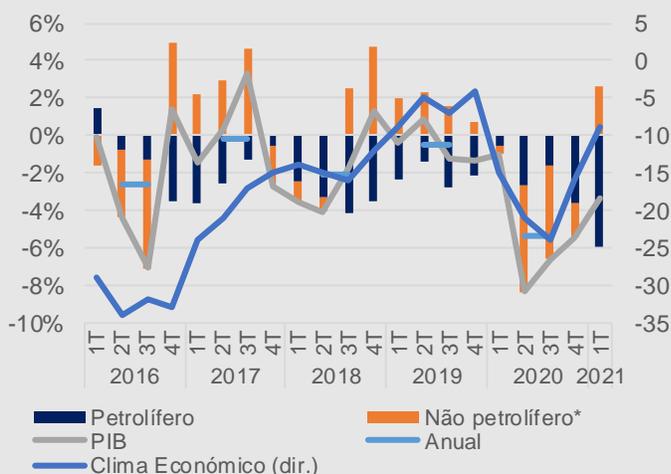
A. DESCRIÇÃO

1| No 1º Trimestre de 2021, o PIB angolano contraiu 3,4% face ao período homólogo – um novo desagravamento face aos -5,5% do último trimestre de 2020. Trata-se do 7º trimestre consecutivo de diminuição. Apesar de se registar o 1º trimestre de crescimento homólogo da actividade não-petrolífera desde 2019, o sector petrolífero registou uma quebra muito acentuada (-18,6%), impedindo o regresso ao crescimento já nos primeiros 3 meses de 2021.

2| O sector do Comércio (maior componente do PIB depois do petróleo) registou um crescimento homólogo bastante expressivo (+29,6% yoy), o 4º trimestre consecutivo de aumento. Em sentido contrário, o sector da Construção (3º sector de actividade com mais peso fora do Petróleo), viu a actividade continuar a cair de maneira muito significativa (-31,5% yoy), o 5º trimestre consecutivo.

Queda do PIB foi menos acentuada; economia não-petrolífera cresceu pela primeira vez desde 2019

Percentagem; contribuição para crescimento; índice

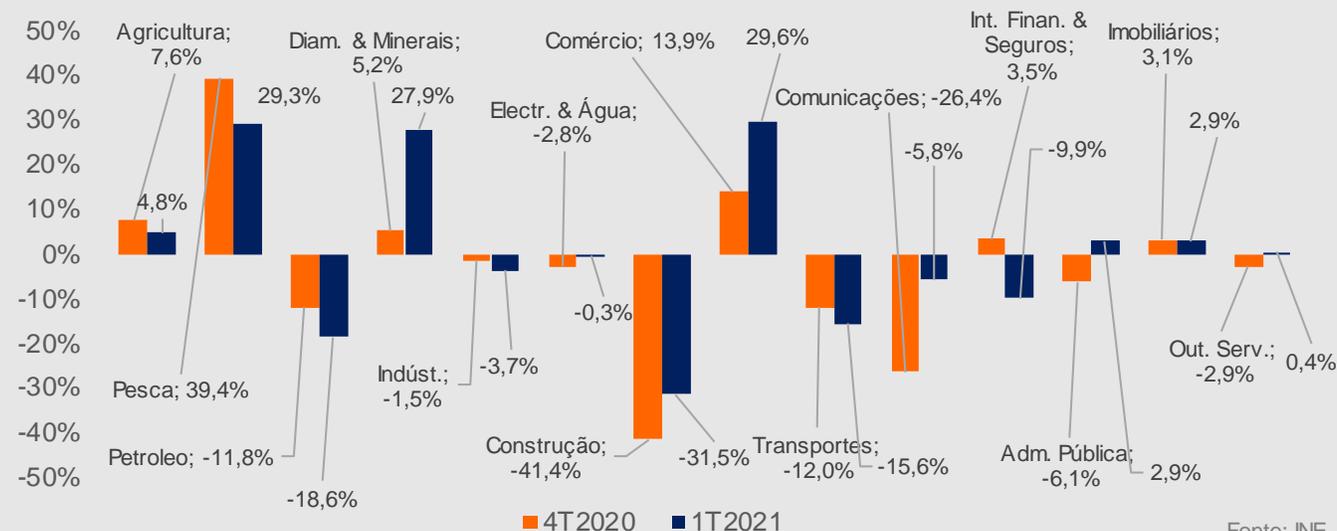


* Proxy: PIB subtraído do PIB petrolífero

Fonte: INE

Sector do Comércio viu crescimento acelerar, pesca e sector diamantífero registaram crescimentos muitíssimos expressivos também; Construção continua a diminuir bastante, tal como Petróleo

Variação homóloga em percentagem



Fonte: INE

3| Face ao mesmo trimestre de 2019, antes de qualquer impacto da pandemia, há 4 sectores com actividade ainda abaixo do que era habitual: Construção (com apenas 68% do PIB do 1T de 2019), Transportes (74%), Petróleo (79%), e Intermediação Financeira (89%).

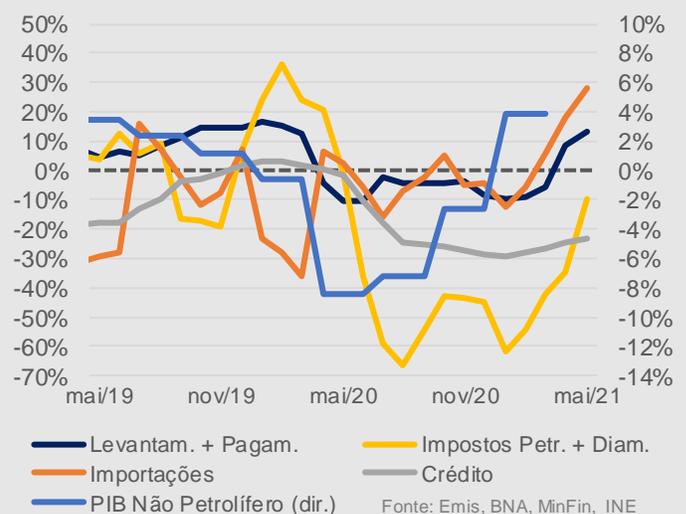
B. ANÁLISE

1| Entre Janeiro e Março, a economia angolana decresceu 3,4% face ao mesmo período de 2020. Porém, há neste momento dois percursos divergentes nos vários sectores da economia angolana. Por um lado, o sector petrolífero continua em quebra, tendo mesmo registado a maior diminuição homóloga desde pelo menos 2010. Mais ainda, a preços fixos, o peso do sector petrolífero é agora o menor também desde 2010, apenas 27,1% do PIB (face a 48,1% no 1T 2010). Esta variação negativa terá contribuído com -6,0 pontos percentuais para a taxa de crescimento homólogo. Note-se que, devido às características do cálculo estatístico do PIB, são apenas contabilizadas as variações de volumes, de modo a descontar a inflação; no caso do sector petrolífero, isso significa que as alterações anuais de preços são descartadas na aferição do crescimento. Ora, no caso particular de 2021, este método implica que, apesar de um claro aumento das receitas petrolíferas este ano devido ao enorme crescimento do preço (para as empresas, em termos fiscais, e na disponibilidade de divisas), a contabilização para efeitos de PIB será sempre negativa porque o volume, em barris, do crude exportado, está em queda. **Para todos os efeitos, a actividade económica petrolífera está mais robusta e com melhores perspectivas este ano, devido ao efeito do preço, e os efeitos nos restantes sectores da economia são igualmente positivos.**

2| Fora do sector petrolífero, a actividade económica terá crescido pela primeira vez desde o final de 2019, de acordo com o proxy calculado pelo BFA – a actividade económica não-petrolífera poderá ter subido cerca de 3,8% yoy, o crescimento mais elevado desde o final de 2018. Em particular, o Comércio cresceu 29,6% yoy (4º trimestre consecutivo de subida, contribuindo com 3,7pp para a taxa de crescimento). Houve outros dois sectores com registos particularmente positivos, com o sector das pescas a crescer 29,3% yoy (2º trimestre consecutivo de subida, +0,6pp para a taxa de crescimento) e a exploração de diamantes e outros minerais a aumentar 27,9% yoy (2º trimestre consecutivo de subida, +0,5pp para a taxa de crescimento). Nota também para a Agricultura: cresceu “apenas” 4,8% yoy, mas trata-se do 9º trimestre consecutivo de crescimento, pelo que denota um ritmo bastante sustentável de subida na actividade. **Em sentido contrário, o sector da Construção continua a registar sucessivas diminuições, caindo de maneira expressiva, em 31,5% yoy (5º trimestre consecutivo de quebra, -3,5pp para a taxa de crescimento).**

Indicadores mensais apontam para aceleração do crescimento da actividade não petrolífera no 2T

Variação homóloga real da média móvel de 3 meses



3| A nossa expectativa para o resto do ano é uma continuação do fenómeno verificado neste trimestre, mas com diminuições sucessivamente menores da economia petrolífera, e uma aceleração da economia não-petrolífera, levando a que a actividade económica deva estagnar ou crescer pouco já no próximo trimestre, registando taxas de crescimento mais robustas no 2º semestre. Do lado da economia petrolífera, os dados actuais apontam para uma variação negativa entre os 10-15% no 2T, seguida de decréscimos abaixo dos 5% no 2º semestre. Ao mesmo tempo, continuará a verificar-se que, de facto, a economia petrolífera terá efeitos ainda mais positivos na

restante actividade económica, por via de maior disponibilidade de divisas e o efeito estabilizador (ou possivelmente de apreciação) no mercado cambial que daí advirá.

Para já, os indicadores mensais disponíveis para avaliar o andamento da economia não-petrolífera (que, para todos os efeitos, é a que produzirá emprego e rendimentos para a maioria dos angolanos) denotam crescimento, e aceleração desse crescimento nos últimos meses. Olhando para a variação homóloga real (descontando a inflação) dos Levantamentos e Pagamentos, através de dados da EMIS, no 1º trimestre registou-se ainda uma diminuição de 5,6% yoy; porém, a média de 3 meses a terminar em Abril subia já 8,4%, acelerando para 12,9% em Maio (as primeiras subidas desde Março de 2020). A mesma análise aponta também para uma subida das importações (geralmente correlacionadas com a procura) de 5,7% no 1º trimestre, acelerando para 18,2% em Abril e 28,0% em Maio (com excepção do trimestre terminado em Outubro do ano passado, são as primeiras subidas desde Maio de 2020). É igualmente interessante notar que, ao mesmo tempo que as importações totais sobem, as importações de alimentos continuam a descer, assinalando um contínuo movimento gradual de substituição de importações por produção doméstica. Além disso, as receitas fiscais petrolíferas e diamantíferas (indicador da disponibilidade do Estado para gastos) registaram a queda menos elevada desde Maio de 2020, no trimestre terminado em Maio de 2021, sendo certo que no 2º trimestre como um todo, já estarão em subida, perto dos 25%. Há um outro indicador mensal que continua em queda significativa: o crédito ao sector privado em MN está ainda a descer 23,3% em termos reais homólogos – porém, trata-se da diminuição menos expressiva desde Julho de 2020.

Tendo em conta estes vários factores, a nossa expectativa para 2021 é de crescimento robusto da actividade não-petrolífera, sendo o PIB total condicionado pela variação de volume na exportação de crude. Face ao Governo e ao FMI, estamos relativamente mais optimistas, esperando um crescimento entre os 2-3%; ainda assim, não será de excluir uma revisão em baixa para esta previsão caso se verifiquem efeitos mais gravosos na actividade económica com o aperto de liquidez que acontecerá no futuro próximo por parte do BNA.

C. CONCLUSÃO

1| O PIB continua a diminuir, apesar de o fazer de maneira menos acentuada, e havendo agora claramente uma perspectiva de recuperação da economia não-petrolífera, com indicadores de que essa recuperação deverá acelerar no 2º trimestre. Em particular, há que destacar os sectores do Comércio e da Agricultura, com uma tendência consistente de crescimento, e das Pescas e Mineração, com crescimentos muito significativos neste trimestre.

2| Na verdade, o que causa a diminuição do PIB é a variação do volume produzido de crude, que, por efeito contabilístico, leva a uma quebra na actividade económica medida, apesar do muito significativo aumento de receitas que deverá ocorrer este ano, por via de preços mais elevados. Mesmo no que toca ao efeito da economia petrolífera na restante actividade económica, este continuará a ser bastante positivo este ano apesar da queda no PIB petrolífero, com maior disponibilidade fiscal, e maior volume de divisas a entrar, o que está a suportar a estabilidade do Kwanza, e poderá mesmo gerar algum movimento de apreciação no 2º semestre.

3| Em geral, a nossa expectativa para 2021 é de um crescimento sustentado na actividade económica não-petrolífera, começando-se a verificar de modo gradual alguns efeitos de diversificação económica, como ilustrado pelo crescimento do sector agrícola por 9 trimestres consecutivos, acompanhado por uma diminuição persistente das importações alimentares. Face às previsões do Governo e do FMI, estamos cautelosamente mais optimistas: porém, há que reafirmar que o crescimento sustentado terá efeitos na pobreza e dificuldades económicas da população apenas se permanecer por bastantes trimestres. Trata-se de um início auspicioso, mas ainda de um início.

Esta publicação destina-se exclusivamente a circulação privada. A informação nela contida foi obtida de fontes consideradas fiáveis, mas a sua precisão não pode ser totalmente garantida. As recomendações destinam-se exclusivamente a uso interno, podendo ser alteradas sem aviso prévio. As opiniões expressas são da inteira responsabilidade dos seus autores, reflectindo apenas os seus pontos de vista e podendo não coincidir com a posição do BFA nos mercados referidos. O BFA, ou qualquer afiliada, na pessoa dos seus colaboradores, não se responsabiliza por qualquer perda, directa ou potencial, resultante da utilização desta publicação ou seus conteúdos. O BFA e seus colaboradores poderão deter posições em qualquer activo mencionado nesta publicação. A reprodução de parte ou totalidade desta publicação é permitida, sujeita a indicação da fonte. Os números são expressos utilizando o ponto como separador de milhares e a vírgula como separador decimal e utilizando a designação de “milhar de milhão” para 10^9 .